

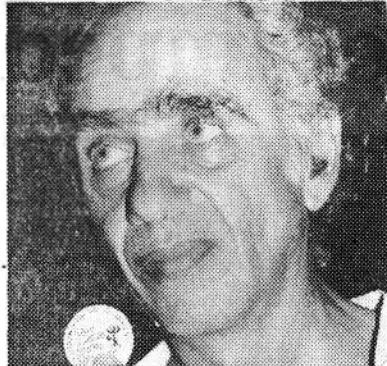
Aluc

Dario Zalis (ZNZ) — 12/8/87



Fernanda: intimando

Dilmar Cavalher — 14/3/88



Betinho: disciplina

• 4 MAI 1988

JORNAL DO BRASIL Lobistas da saúde apelam para impacto

BRASÍLIA — Quando amanhã o líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), estiver a caminho do plenário para defender a livre iniciativa no setor de saúde, enfrentará um *lobby* inédito na Constituinte. Em vez dos tradicionais lobistas de terno e gravata, ele ouvirá pessoas conhecidas, como a atriz Fernanda Montenegro, que apresentarão suas mensagens num telão instalado no corredor de acesso ao plenário.

"Senhor constituinte, espero que seu voto venha a pôr fim à mercantilização da saúde no Brasil", dirá Fernanda na defesa do texto aprovado pela Comissão de Sistematização. Segundo Righi, pelo texto da Sistematização, o Poder Público detém o comando sobre a empresa privada no sistema único de saúde, e isso o *Centrão* não aceitará.

O *lobby* cinematográfico é uma iniciativa de 50 pessoas mobilizadas em Brasília desde o último dia 26, e que representam 170 entidades, desde a CUT e a CGT à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e entidades médicas, como o Conselho Federal de Medicina, o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde e a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. O objetivo é provar que o texto da Sistematização não é estatizante; acolhe a iniciativa privada para os que tiverem condições de fazer essa escolha e, só quando contratados pelo setor público, é que os serviços privados têm de se subordinar às regras do sistema único, o que já acontece com outros serviços de interesse público, como comunicações, bancos, transportes etc.

Sarney — No ar, entrará nada menos que o próprio presidente José Sarney, que terá resgatada sua fala na abertura da VIII Conferência Nacional de Saúde, em 86, quando pregou o fim dos dois Brasis, "o forte e o fraco, o sadio e o doente". O presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, Herbert de Souza, o Betinho, irmão do Henfil, defenderá a aprovação das emen-

das do senador José Fogaça e do líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna, disciplinando a questão do sangue. E o líder negro Wilson Prudente vinculará o sofrimento da população carente à precariedade dos serviços de saúde no Brasil.

Segundo o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Crescêncio da Silveira, o texto do *Centrão* retrocede a algo pior do que existe hoje, e a proposta encampada pelos *progressistas* está longe de ser estatizante: "Apenas propomos maior controle do Estado, através da celebração de contratos de direito público. Ninguém vai fechar a clínica do Pitanguy".

Lula — Enquanto a Sistematização prevê o controle e a fiscalização da produção de equipamentos, medicamentos, imunobiológicos, hemoderivados e outros insumos pelo sistema único de saúde, o *Centrão* admite só a fiscalização. E também não aceita o contrato de direito público — prevendo contratos ou convênios, e coloca como obrigação do sistema único apenas cooperar com a saúde ocupacional e não executá-la, como querem os *progressistas*.

"O *Centrão* esquece que a saúde depende das condições de vida e do trabalho", diz Crescêncio Silveira. Nesse sentido, defende emenda do deputado Eduardo Jorge (PT-SP), que pretende introduzir no texto constitucional a estabilidade ao acidentado e ao doente profissional; a participação dos trabalhadores na fiscalização; o direito à informação sobre os riscos da profissão e à recusa a trabalhos que apresentem graves riscos. O *Centrão* contrataca:

"Tudo que queremos é o mesmo direito para o deputado Lula e os trabalhadores. Por que o Lula foi se operar no hospital Sírio Libanês, e não no Inamps? Por que exerceu o direito de escolher o melhor hospital e o melhor médico. É o que queremos para todos", diz o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP).